

## **Notas sobre o sentido da história: as interpretações de W.G. Sebald e Roberto Schwarz**

Karim Abdalla Helayel (doutorando, PPGSA/UFRJ)

Beatriz Moreira da Gama Malcher (doutoranda, PPGCL/UFRJ)

**Resumo:** Este trabalho procura indicar algumas afinidades eletivas entre as perspectivas de W.G. Sebald e de Roberto Schwarz, ressaltando a reflexão crítica de suas interpretações no que se refere à dinâmica contraditória do capitalismo e, de modo mais amplo, da modernidade. O esforço aqui empreendido é o de formular novas questões por meio de uma possível aproximação entre os textos de Sebald e Schwarz, tendo em vista o modo pelo qual ambos trabalham, partindo de pontos de vista distintos (centro e periferia do capitalismo), a dialética entre civilização e barbárie e entre progresso e regressão.

**Palavras-chave:** Roberto Schwarz, W.G. Sebald, Walter Benjamin, capitalismo, ideologia do progresso.

**Abstract:** This article intends to evince some elective affinities between W.G. Sebald and Roberto Schwarz' works, highlighting the critical perspectives in their interpretations of the contradictory dynamics not only of capitalism but also of modernity itself. The effort undertook here is to state a potential intersection between Sebald's fictions and Schwarz' essays, in view of the way both authors perceive, from dissimilar standpoints (center and periphery of capitalism), the dialectical relationship between civilization and barbarism; progress and regression.

**Keywords:** Roberto Schwarz, W.G. Sebald, Walter Benjamin, Capitalism, Ideology of Progress.

### **1. Introdução**

O objetivo principal do presente trabalho será indicar algumas afinidades eletivas, que podem ser detectadas, entre as perspectivas do escritor alemão W.G. Sebald e do sociólogo e crítico literário Roberto Schwarz, levando em consideração o caráter crítico de suas reflexões em relação ao capitalismo e, de modo mais amplo, à modernidade. Nesta direção, concederemos ênfase à problemática substantiva do sentido assumido pela história em suas obras, tendo em vista que Sebald e Schwarz nos falam a partir de ângulos distintos de observação do capitalismo e das relações sociais que o constituem, o que não inviabiliza a interlocução entre ambos. De um lado, Schwarz concebe seus estudos sobre a obra de Machado de Assis, permanentemente atento aos impasses decorrentes do movimento contraditório do capitalismo visto a partir de sua periferia. Por outro lado, Sebald tece suas prosas de ficção, enxergando,

dentre outras questões que permeiam sua obra, o processo contraditório do desenvolvimento capitalista visualizado a partir do centro.

Temos aqui ângulos de observação distintos, não obstante complementares, uma vez que ambos os autores ao perscrutarem o sentido assumido pela história, tecem contundentes críticas ao modo de produção capitalista, procurando ler o seu desenvolvimento a contrapelo das narrativas engendradas pelos vencedores, tal como conclama Walter Benjamin (1940) em “Sobre o conceito da história”. É importante salientar que tanto W.G. Sebald quanto Roberto Schwarz são leitores contumazes da obra de Benjamin (WAIZBORT, 2007a; BUENO, 2013a), uma das referências centrais para a confecção de suas interpretações críticas que se encaminham também na contramão da ideologia do progresso, guardando, portanto, afinidades entre si.

Afigura-se relevante sublinhar que, ao empreender um estudo que vise pensar a relação entre as reflexões de Sebald e Schwarz, devemos ter em vista que as formas mobilizadas por eles são dotadas de diferenças significativas entre si. Sebald compõe, nos objetos de estudo aqui selecionados<sup>1</sup>, prosas de ficção, cujo estilo é o da bricolagem, mobilizando materiais de diversos matizes, a princípio díspares, mas que, mediante a realização de combinações nada óbvias, contribuem inclusive, na visão de André Bueno (2013), para renovar a tradição do romance, tais como: “biografia, diário, viagem, ensaios sobre o mundo natural e histórico, digressão, um narrador distanciado e deslocado, sempre solitário, além de um uso constante de imagens – fotos, filmes, quadros, esboços, anotações” (BUENO, 2013a, p.66). No que se refere a Schwarz, deve-se ressaltar que, enquanto crítico literário, acaba buscando na análise do processo de formalização estética de um dos principais ficcionistas brasileiros, Machado de Assis, chaves de interpretação não apenas da sociedade brasileira, como do movimento mais amplo da modernidade visto a partir dela, o que nos apresenta uma diferença significativa em relação à forma escolhida por Sebald.

A despeito de mobilizarem formas distintas, ambas, segundo nossa análise, guardam fortes afinidades com a forma do ensaio<sup>2</sup>, tal como este é entendido por Theodor Adorno, em seu clássico texto escrito entre os anos de 1954 e 1958, “O ensaio como forma”. Nos termos propostos por Adorno, o ensaio enquanto forma evocaria uma “liberdade de espírito” contraposta a sistemas de pensamento rígidos e fechados, não

---

<sup>1</sup> É sabido que W.G. Sebald possui diversos trabalhos de crítica literária, debruçando-se principalmente sobre a literatura de língua alemã. Não obstante, o empreendimento analítico aqui delineado se concentrará em suas prosas de ficção.

<sup>2</sup> André Bueno já indicou a afinidade das prosas de ficção de W.G. Sebald “com a tradição do ensaio, da forma livre do ensaio, que trabalha justamente com restos e ruínas, fragmentos e miniaturas, a pequena escala da vida cotidiana, que não teria interesse para uma filosofia ‘séria’” (BUENO, 2013b, p.100).

admitindo uma prescrição prévia do seu âmbito de competência (ADORNO, 2003). O ensaio permitiria, deste modo, “superinterpretações”, ao invés de simplesmente “registrar” e “classificar”, não sendo servo de inflexíveis compartimentações disciplinares. Nas palavras de Adorno, “o ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas” não almejando “uma construção fechada, dedutiva ou indutiva” (IDEM, p.25). Dotado de um “caráter aberto”, no qual ocorreria a reunião de “elementos discretamente separados entre si [...] em um todo legível” (IDEM, p.31), sua profundidade residiria em seu objetivo de “desvendar o objeto” de modo dialético, o que o caracterizaria como a “forma crítica *par excellence*”, e por ser ainda “crítica da ideologia” (IDEM, p.38).

Vale a pena evidenciar também o significado do trabalho de Antonio Candido para o tipo de empreendimento aqui almejado, especialmente no que se refere à sua concepção dialética de crítica literária, na qual forma literária e processo social, texto e contexto, estão indissolúvelmente unificados. Neste caso, em primeiro lugar, deve-se ressaltar que o plano social assume importante significado para Candido, como elemento que desempenha determinado papel na estrutura literária, tornando-se, por conseguinte, elemento interno ao texto (CANDIDO, 2010a). É a isso que Candido chama de “redução estrutural”, ou seja, “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (CANDIDO, 2010b, p.9)

O crítico busca “o comportamento ou o modo de ser que se manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior” (IDEM, p.10). Assim, podemos dizer que a mediação entre o interno e o externo, juntamente com a relação entre forma e conteúdo, não são realidades estanques e hermeticamente fechadas, já que compõem uma imbricação que deve ser levada em conta no âmbito do movimento analítico de uma determinada obra literária. Ao empreender o tipo de análise ensejada, tanto Antonio Candido como Roberto Schwarz, seu discípulo, enxergam a constituição do texto enquanto força social interpeladora da sociedade<sup>3</sup>, uma vez que esta não passa despercebida da inteligibilidade que é construída sobre si mesma.

Partir das proposições teórico-metodológicas de Candido pode nos ser útil em duas dimensões da análise: na primeira, no que diz respeito ao fato de que Roberto Schwarz se valeu delas em grande medida, mobilizando-as, junto a outras referências

---

<sup>3</sup> Para pensar também as diferenças entre Schwarz e Candido, cf. Melo (2014).

intelectuais não menos importantes, para o delineamento de sua interpretação da obra de Machado de Assis; e em relação à segunda dimensão, ter em vista a dialética entre forma literária e processo social pode ser pertinente para a análise dos trabalhos de Sebald, tendo em vista que fatores externos à sua obra (no caso, fatores sociais e psíquicos), são transpostos para ela “não como causa, nem como significado, mas como elemento[s] que desempenha[m] um certo papel na estrutura, tornando-se, portanto, interno[s]” (CANDIDO, 2010a, p.14.).

Neste sentido, este trabalho se dividirá em dois momentos: o primeiro diz respeito à análise das contribuições de Walter Benjamin – que pode ser tomado como ponto de partida para um estudo cujo objetivo é perscrutar as possíveis afinidades eletivas entre as perspectivas de Sebald e Schwarz - no que tange, principalmente, a questão referente ao sentido da história e o imperativo de escová-la, segundo ele, a contrapelo das narrativas hegemônicas; e, em um segundo momento, colocar-se-á lado a lado as reflexões dialéticas de Sebald e Schwarz, as quais se valem fortemente da perspectiva benjaminiana. Para tanto, tomar-se-á como materiais principais os seguintes livros: *Os emigrantes* (1992), *Os anéis de Saturno* (1995) e *Austerlitz* (2001), de W.G. Sebald; *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (1990) e *Duas meninas* (1997), de Roberto Schwarz.

## 2. Walter Benjamin: um legado intelectual

Primeiramente, faz-se necessário assinalar que Walter Benjamin não é a única referência mobilizada por Sebald e Schwarz, em seus trabalhos. Roberto Schwarz parte, segundo ele mesmo afirma no prefácio ao livro *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, de uma tradição por ele considerada “contraditória”, formada por Georg Lukács, Walter Benjamin, Bertolt Brecht e Theodor Adorno, e que se encontra sob a inspiração de Karl Marx, sublinhando ainda a importância dos trabalhos de Antonio Candido, seu professor (SCHWARZ, 2000b). Leopoldo Waizbort (2007) indica, ao estudar as matrizes referenciais do pensamento de Schwarz, a existência de um amálgama entre o que elenca como sendo quatro linhagens fundamentais para o crítico: a visão de Antonio Candido sobre o processo de constituição do romance brasileiro; os estudos marxistas do seminário de *O capital*<sup>4</sup>; a maneira como Lukács, Adorno e Benjamin conceberam o conceito de forma artística, a qual é dotada de lastros

---

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o seminário d'*O capital*, realizado na Universidade de São Paulo (USP), entre os anos 1958-64, do qual fez parte Roberto Schwarz, vale a pena a leitura da tese de doutorado de Lidiane Rodrigues (2011), intitulada *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulo e 'um seminário' (1958-1978)*. Deve-se lembrar também do artigo do próprio Roberto Schwarz, “Um seminário de Marx” (1995), por meio do qual apresenta a sua visão a respeito do grupo.

social e histórico; e o procedimento de Erich Auerbach, que concilia análise de texto e explanação histórica (WAIZBORT, 2007a).

Por sua vez, Sebald, ao renovar a longa tradição da forma romance, empreende intenso diálogo com diversos escritores, como “Stendhal, Kafka, Nabokov, [...] Conrad e Borges” (BUENO, 2013a, p.63), assim como de alguns autores de origem germânica cujo intuito seria o de repensar a forma do romance, como é o caso dos trabalhos literários de Alexander Kluge (SEBALD, 2006) e de Thomas Bernhard - que, segundo Sebald, por “trazer uma nova radicalidade à ficção germânica”, teriam se afastado “do padrão comum do romance médio”, podendo engendrar uma forma “periscópica de narrativa” (SEBALD, 2007, p.82). André Bueno evidencia, concomitantemente, a importância do diálogo entre Sebald e a Escola de Frankfurt - não apenas com Benjamin, cuja contribuição para suas formulações será aqui discutida – mas também com Theodor Adorno e Max Horkheimer (BUENO, 2013b). O intérprete da obra de Sebald destaca que, por abordar a questão das formas disciplinares e de controle ligadas aos “aparatos monumentais do mundo moderno”, o escritor alemão, parece ter sido um assíduo e atento leitor da obra de Michel Foucault (IDEM, p.99). De fato, tais referências ficam evidentes a partir do estudo dos trabalhos de Sebald como crítico literário e professor<sup>5</sup>, levando-se em conta tanto os seus objetos de estudo quanto as suas bases teórico-metodológicas – sendo frequente a referência, por um lado, da tradição frankfurtiana e, por outro, das obras genealógicas de Foucault<sup>6</sup>.

O objetivo nesta sessão será localizar as reflexões de Sebald e Schwarz diante das formulações de Walter Benjamin, a respeito do sentido assumido pela história e do imperativo de sua leitura a contrapelo, aventado pelo filósofo da Escola de Frankfurt. Em relação à esta questão, podemos perceber ecos benjaminianos nas interpretações do processo histórico formuladas por Sebald e Schwarz, posto que, como veremos, tal procedimento se encontra como um dos principais movimentos interpretativos por parte de ambos os autores.

“Sobre o conceito da História” (1940), de Walter Benjamin, parece ser um texto emblemático a esse respeito, no qual o autor sintetiza sua crítica à ideologia do progresso, salientando que a grande tarefa do materialista histórico seria “escovar a história a contrapelo”, por nunca ter havido “um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (BENJAMIN, 1994, p.225). Ou seja, Benjamin

---

<sup>5</sup> Cabe como exemplo seus ensaios publicados em *Logis in einem Landhaus* (1998), *Campo Santo* (2003), *Guerra Aérea e Literatura* (2003), assim como suas falas e entrevistas organizadas no livro *Auf ungeheuer dünnem Eis* (2011).

<sup>6</sup> Entende-se como obra genealógica de Foucault seus trabalhos a partir de *A Ordem do Discurso* (1971). No que diz respeito às discussões propostas por Sebald, cf. *Os Anormais* (1974) e *Vigiar e Punir* (1975).

aponta para a necessidade de contraposição frente a narrativa hegemônica propugnada pelos grupos vencedores ao longo do processo histórico, a fim de problematizar e contrabater a versão oficial e dominante contada sobre os seus desdobramentos, já que tanto a cultura quanto o seu processo de transmissão não estariam isentos de barbárie. Podemos apontar que este movimento é similar ao realizado por Adorno e Horkheimer, em *Dialética do esclarecimento* (1944), pois os autores procuram desvelar as contradições da narrativa burguesa hegemônica sobre a ideologia do progresso, própria à modernidade, no intuito de perscrutar o seu avesso, bem como seus profundos impactos na constituição do modo de produção capitalista. O pesamento frankfurtiano teria, portanto, como uma de suas bases principais, a contraposição aos modelos ideológicos que promoveriam “cada acontecimento como um momento da marcha da humanidade em direção à liberdade” (LÖWY & VARIKAS, 1992).

Deste modo, o imperativo de “escovar a história a contrapelo”, sublinhado por Benjamin, possui, de acordo com a leitura procedida por Michael Löwy (2005), em seu livro *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, um duplo significado que não pode ser deixado de lado na análise, e que pode nos servir de guia para o estudo aqui proposto. O primeiro significado seria histórico, por se tratar de encaminhar a reflexão na contramão da versão oficial da história, contrapondo-lhe a tradição dos oprimidos (LÖWY, 2005). O segundo significado seria político, já que a redenção - entendida por Benjamin como a revolução a ser protagonizada pelo messias, no caso, o proletariado enquanto classe revolucionária - não ocorreria em decorrência do curso natural de um determinado processo, o “sentido da história” ou o “progresso inevitável”.

Afigura-se imprescindível, portanto, nadar contra a corrente que, caso seja relegada à própria sorte, ou “acariciada no sentido do pelo”, permitirá à história produzir “novas guerras, novas catástrofes, novas formas de barbárie e de opressão” (LÖWY, 2005, p.74). Aqui, deve-se ressaltar que Löwy lembra das diversas críticas endereçadas por Benjamin ao marxismo evolucionista da II Internacional, uma delas contida na primeira tese de “Sobre o conceito da História”, pois, segundo Benjamin, seus ideólogos enxergavam o materialismo histórico como um autômato que conduziria, automática e inapelavelmente, à vitória e ao triunfo do socialismo. Tal raciocínio se encontraria indissolúvelmente imbricado a suas críticas desferidas contra a própria social-democracia alemã, cuja teoria e prática “foram determinadas por um conceito dogmático de progresso sem qualquer vínculo com a realidade” (BENJAMIN, 1994, p.229). Benjamin sublinha que a ideia referente a um “progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e

homogêneo”, alertando ainda que a “crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (IBIDEM).

Vale destacar que, ao criticar a ideologia do progresso e seus efeitos nocivos para a luta de classes empreendida pelo proletariado, Benjamin salienta que suas promessas concernentes a possíveis benesses, fartura e, em grande medida, “avanços” em vários domínios, como, por exemplo, na ciência, carregam em seu bojo o negativo, a contradição, que pode ser o advento de novas catástrofes e, por conseguinte, a própria destruição. Basta lembrar a análise de Benjamin, discutida por Löwy, que leva em consideração a crítica da combinação do que havia de mais moderno e “avançado” nos planos técnico, científico e militar do nazismo, que conjugaria os maiores “progressos” tecnológicos aos mais nefastos e problemáticos retrocessos sociais (LÖWY, 2005)<sup>7</sup>. Escovando a história a contrapelo, o filósofo alemão se depara com “o amontoado de ruínas que cresce até o céu”, graças a uma “tempestade que chamamos progresso” (BENJAMIN, 1994, p.226). Em síntese, na visão de Benjamin, o progresso possuiria um avesso, convertendo-se em regressão, o que é retomado de modo próprio tanto por Sebald, em suas prosas de ficção, quanto por Schwarz, em suas interpretações sobre os discursos dos principais narradores machadianos, Brás Cubas e Bento Santiago.

Na visão de Löwy, Benjamin preconiza uma teoria que visaria a compreensão e explicação das irracionalidades oriundas do fascismo, como também em relação à racionalidade instrumental moderna, já que este regime levaria “às últimas consequências a combinação tipicamente moderna de progresso técnico e regressão social” (LÖWY, 2002, p.204). Em “Walter Benjamin crítico do progresso: à procura da experiência perdida” (1985), Löwy nota que o problema do progresso, na visão de Benjamin, seria sua conversão a um mito ligado à crença no progresso da própria humanidade, haja vista “a utilização bélica das novas técnicas e para o fato de que as máquinas, supostamente aliviadoras do fardo do trabalhador, nada mais fazem que

---

<sup>7</sup> Tal movimento operado pelo nazismo é observado por Sebald, que procura mostrar como este regime teria levado às últimas consequências a racionalização do genocídio e da barbárie através do holocausto. Podemos tomar como exemplo a visita de Jacques Austerlitz ao Museu do Gueto, de Terezín (cidade da atual República Tcheca), cujo relato ao narrador do livro *Austerlitz*, acentua sobretudo o controle e a racionalidade dos nacional-socialistas incumbidos de administrar o campo de concentração de Theresienstadt. No seguinte trecho, ficam claras as observações de Austerlitz: “Vi folhas de balancete, registros de mortos, listas de todo o tipo que se pode imaginar e infinitas séries de números e cifras com as quais os administradores deviam se sentir tranquilizados de que nada lhes escapava ao controle. E toda vez que penso agora no museu de Terezín, disse Austerlitz, vejo a planta emoldurada da fortaleza em forma de estrela, aquarelada em tons pastel de marrom e verde para a Sua Alteza Real em Viena que a encomendara e amoldada às dobras do terreno em volta, o modelo de um mundo concebido pela razão e regulado nos mínimos aspectos” (SEBALD, 2008, p.196). Apesar da obra literária de Sebald não tratar da relação progresso-barbárie apenas no nazismo – não sendo uma literatura exclusivamente pautada na Segunda Guerra Mundial e no antissemitismo, como indicado por alguns críticos (LONG, 2007) - encadeamentos críticos similares podem ser encontrados ao longo de todas as suas prosas de ficção.

intensificar a exploração” (LÖWY, 2008, p.192). O princípio de “escovar a história a contrapelo” significaria, em resumo, recusar a ilusão que constitui o progresso, ou seja, “de todas as ideologias e mitos que acariciam a fera no sentido dos pelos” (IDEM, p.189).

Anos antes da ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, e das teses “Sobre o conceito da história”, em “Rua de mão única” (1928), mais precisamente no fragmento intitulado “Alarme de incêndio”, Benjamin já conclamaria a classe trabalhadora à ação revolucionária, a qual seria inescapável para impedir a catástrofe promovida pelo domínio da técnica na civilização burguesa. Nas palavras do autor:

E se a eliminação da burguesia não estiver efetivada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico (a inflação e a guerra de gases o assinalam), tudo está perdido. Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado. Ataque, perigo e ritmo do político são técnicos – não cavalheirescos (BENJAMIN, 1987, p.46)<sup>8</sup>.

O “aviso de incêndio”, munido das contundentes críticas à ideologia do progresso, efetuadas por Benjamin, torna-se central para o tipo de leitura aqui proposta das obras de W.G. Sebald e de Roberto Schwarz. Ambos se apropriam originalmente destas formulações, direcionando-as criticamente ao modo de produção capitalista e, de maneira mais ampla, à modernidade, não obstante se encontrarem posicionados em locais distintos e específicos – centro e periferia do capitalismo - para a observação da dinâmica contraditória do capital.

### **3. Herdeiros entre si**

Seria interessante iniciar a reflexão sobre as visões críticas de Sebald e Schwarz, tomando como ponto de partida a cidade de Manchester, símbolo das origens do capitalismo e de suas indústrias. Em *Os emigrantes*, um dos diversos temas sobre o qual W.G. Sebald se debruça diz respeito à questão do caráter crônico do “empobrecimento” e da “degradação” dessa cidade. O narrador a pensaria como uma “necrópole” ou “mausoléu”, observando como ela teria sido abandonada há muitos anos por seus moradores (SEBALD, 2009). Pode-se somar a isto a vista aérea de Manchester, ao ser tematizado o retorno do pintor Max Ferber à cidade, no ano de 1945, após ser dispensado do exército, no intuito de retomar seus estudos sobre arte. Passando a palavra a Ferber, sublinha-se que a visão aérea da cidade era repleta de casas, fiações,

---

<sup>8</sup> Em “Rua de mão única”, há um fragmento intitulado “Panorama imperial”, cujo subtítulo é “Viagem através da inflação alemã”, no qual Benjamin afirma que “o modo de vida do burguês alemão” comportaria um “amálgama de estupidez e covardia, o da catástrofe iminente” (BENJAMIN, 1987, p.20), que, segundo o autor, seria digno de reflexão.



tinturarias, caldeiras de gás, usinas químicas e fábricas as mais diversas, “até chegar ao suposto centro da cidade, onde tudo parecia se converter numa massa preta retinta, já impossível de ser diferenciada” (IDEM: 170). Sem falar nas chaminés que se erguiam por todos os lados, mas que já se encontravam “quase sem exceção demolidas ou desativadas” (IDEM).

O tema referente ao “empobrecimento” e à “degradação”, entendido por Sebald como produto do progresso da moderna civilização burguesa, não se encontra circunscrito somente aos grandes centros urbanos<sup>9</sup>. A cidade de Lowestoft, pertencente ao condado de Suffolk, é um dos destinos do narrador de *Os anéis de Saturno*, ao peregrinar por um ano pelo litoral e interior do leste da Inglaterra. Nela, o narrador identifica os problemas sociais decorrentes do processo de decadência no qual ingressara a cidade, graças às crises econômicas e às fortes depressões dos anos 1930, que a assolaram. No entanto,

por volta de 1975, quando as plataformas de petróleo começaram a surgir no Mar do Norte, cresceram também as esperanças de que haveria uma mudança para melhor, mudanças que foram então infladas cada vez mais na era do capitalismo linha-dura da baronesa Thatcher, até que por fim estouraram em meio à febre especulativa (SEBALD, 2010, p.51).

Lendo a contrapelo as promessas de progresso materializadas na esperança que teria acometido os cidadãos de Lowestoft, o narrador destaca a forma como os prejuízos teriam se alastrado rapidamente, fechando ancoradouros e fábricas, levando muitos trabalhadores, conseqüentemente, ao desemprego. Pessoas endividadas ou falidas, segundo o narrador, enforcavam-se semana a semana, o analfabetismo crescente abarcava um quarto da população e nenhuma previsão para o fim da miséria cada vez maior seriam alguns dos graves males gerados pelas falsas promessas de progresso econômico na cidade. Assim, perplexo diante do que vê, assinala, encontrando nos pequenos detalhes da vida cotidiana, os indícios da degradação de uma cidade, vítima das ilusões erigidas pelo mito do progresso.

Embora eu soubesse de tudo isso, não estava preparado para o desconsolo que logo se apoderou de mim em Lowestoft, pois uma coisa é ler nos jornais reportagens sobre *unemployment blackspots*, e outra é caminhar numa tarde sombria pelas fileiras de casas

---

<sup>9</sup> Apesar de não serem prosas que trataremos com maior profundidade neste artigo, vale observar que em *Vertigem: sensações* (1990), por exemplo, há uma tentativa, a nosso ver, exitosa de observar os limites da ideologia do progresso na vida do interior, mais especificamente no vilarejo de W., no sul da Alemanha, encarado pelo narrador como “ordenado e retificado [...] aplacado e entorpecido de uma forma maligna” (SEBALD 2008, p.192). Também cabe destacar a primeira parte de seu livro póstumo *Campo Santo* (2003), que reúne trechos de uma prosa de ficção inacabada ambientada na ilha de Córsega, nos quais também é central o debate acerca da relação entre destruição e civilização, tendo em vista em especial, neste caso, o meio ambiente, onde o narrador destaca a degradação das nossas espécies como “um processo que começou no mesmo período daquele que chamamos de berço de nossa civilização” (SEBALD, 2006, p.36. tradução nossa).

com suas fachadas deterioradas e seus grotescos jardinsinhos de frente, e, tendo finalmente chegado ao centro, não encontrar outra coisa além de salões de jogos, casas de bingo, *betting shops*, lojas de vídeo, bares que exalam um cheiro de cerveja azeda de suas escuras portas entreabertas, mercados de segunda e duvidosos estabelecimentos de *bed & breakfast* com nomes como Ocean Dawn, Beachcomber, Balmoral, Albion e Layla Lorraine (IDEM).

Conforme assinala André Bueno, em seu ensaio “A pequena escala”, esta noção estaria ligada a uma ideia, ao mesmo tempo, ética e estética, contrapondo-se à larga escala monumental vinculada à modernidade e ao progresso (BUENO, 2013a), tal como podemos observar através dos indícios da degradação de Lowestoft, detectados pelo narrador. Opondo-se à “larga escala fáustica da modernidade”, cuja relação é direta com as metrópoles do capitalismo, Sebald as associa, melancolicamente<sup>10</sup>, a mausoléus e necrópoles (IDEM), como o faz também, por exemplo, com Munique, em *Os emigrantes*. Voltando a este livro, no caso de Munique, na parte dedicada à história de Paul Bereyter, a cidade do pós-guerra seria retratada a partir de uma associação entre cidade, ruínas e escombros, uma vez que os muitos vestígios da II Guerra Mundial ainda se faziam presentes. O narrador conta que desde que estivera em Munique, para ele “nada estava tão intimamente associado à palavra 'cidade' quanto a presença de escombros, muros chamuscados e vãos de janela por onde se podia ver o ar vazio” (SEBALD, 2009, p.36). Retornando à Manchester e à parte do livro sobre Max Ferber, nas longas caminhadas do narrador pela cidade, este não deixa de observar as contradições decorrentes da produção industrial em larga escala, um dos quesitos fundamentais para a expansão permanente do capital.

Nessas andanças, durante as poucas horas de autêntica claridade do dia nas quais a luz de inverno inundava as ruas e praças desertas, eu não cansava de me admirar da escrupulosidade com que a cidade cor de antracito, da qual o programa de industrialização se espalhou para o mundo inteiro, exibia ao observador os vestígios de seu empobrecimento e degradação agora evidentemente crônicos. Mesmo os edifícios mais colossais, o Royal Exchange, a Refuge Assurance Company, o Grosvenor Picture Palace e até o Piccadilly Plaza, inaugurado somente poucos anos antes, pareciam tão ermos e vazios que a pessoa poderia supor estar rodeada de uma arquitetura de fachada ou de cenário teatral, erguida por razões misteriosas (IDEM, p.158-159).

---

<sup>10</sup> A associação é dada de forma melancólica tendo em vista principalmente o método de bricolagem na estruturação do texto. Fora isso, muitas vezes o narrador-personagem transparece diretamente o seu mal-estar perante à escala monumental. Cabe como exemplo, apesar de não se tratar de um dos livros principais que selecionamos para a presente análise, *Vertigem*, que é construído principalmente em torno do debate acerca da sensação de vertigem perante as grandes edificações europeias - seja na Itália, na Alemanha, na Áustria ou na Inglaterra - a contrapelo daquela de entusiasmo dos turistas usuais - comparados, em certo momento, em uma estação de trem, com fugitivos “de uma cidade em vias de destruição ou já destruída” (SEBALD, 2008, p.193).

Outra questão importante para a discussão, trazida à tona pelo livro *Os anéis de Saturno*, refere-se à história do colonialismo, em relação à qual seu narrador afirma que grande parte dela ainda não teria sido escrita, sendo “difícil haver um capítulo mais sombrio que o do chamado desbravamento do Congo” (SEBALD, 2010, p.123).

Passando a palavra ao narrador do livro:

Em setembro de 1876, em meio à proclamação das melhores intenções possíveis e da suposta isenção de interesses nacionais e particulares, foi fundada a Association Internationale pour l'Exploration et la Civilisation en Afrique. Personalidades de vulto de todas as esferas da sociedade, representantes da aristocracia, das igrejas, da ciência, da indústria e das finanças participam do encontro inaugural, no qual o rei Leopoldo, patrono do empreendimento exemplar, declara que os amigos da humanidade não poderiam buscar objetivo mais nobre do que aquele que os reunia naquele dia: abrir a última parte de nossa terra que até ali permanecera intocada pelas bênçãos da civilização. Tratava-se, disse o rei Leopoldo, de romper as trevas em que povos inteiros ainda estavam presos, tratava-se de uma cruzada talhada como nenhuma outra a conduzir o século do progresso à sua perfeição (IDEM).

Este trecho permite contextualizar o período tratado pelo narrador de *Os anéis de Saturno*, elencando ainda as várias frações da elite europeia interessadas na exploração do Congo. E, conforme esclarece o narrador, o rei Leopoldo apareceria como o patrono do empreendimento colonial, cujo objetivo isento de “interesses nacionais” e “particulares” seria ungir com as bênçãos da civilização aqueles que não haviam sido tocados por elas. As trevas seriam rompidas e, por meio do progresso e desenvolvimento levados pela “Association Internationale pour l'Exploration et la Civilisation en Afrique”, povos inteiros seriam libertos das trevas nas quais se encontrariam confinados. É importante notar que a partir da leitura a contrapelo efetuada pelo narrador, este acabaria revelando como o discurso hegemônico propugnado pelas elites lograria obnubilar a verdadeira faceta do empreendimento colonial, que teria contribuído decisivamente para a exploração e, conseqüentemente, para o extermínio em massa da população nativa. Esta teria sido “quase dizimada pelo trabalho forçado, e também os que para lá [o narrador se refere ao Congo] são levados de outras partes da África ou de além-mar morrem aos montes de disenteria, de malária, de varíola, de beribéri, escorbuto, fome e exaustão física” (IDEM, p.124). Segundo os relatórios anuais realizados entre os anos 1890 e 1900, teriam perdido a vida aproximadamente quinhentas mil pessoas, mesmo período em que “as ações da Compagnie du Chemin de Fer du Congo sobem de 320 para 2850 francos belgas” (IDEM).

Este constitui um bom exemplo do tipo de leitura operada pelo narrador de *Os anéis de Saturno*, interessado em descortinar o avesso da ideologia do progresso,

demonstrando como o mesmo pode acarretar no mais nefasto movimento de regressão, indo ao encontro do tipo de leitura crítica a respeito da história realizado por Walter Benjamin. A opulência da capital do reino da Bélgica e a magnitude de seus edifícios estaria assentada sobre “uma sepultura erguida sobre uma hecatombe de corpos negros, e os transeuntes nas ruas lhe [o narrador se refere à visão do escritor Joseph Conrad] parecem carregar, todos, o sombrio segredo congelado dentro de si” (IDEM, p.127). Este seria o segredo desvelado pelo narrador, preocupado com a desestabilização da versão contada pelos vencedores da história, explicitando que a construção da moderna civilização burguesa, bem como a produção e reprodução ampliada do capital, teria dependido, em grande medida, da exploração e do genocídio.

O livro *Austerlitz*, de Sebald, também fornece indícios relevantes para o empreendimento de uma reflexão que problematize a edificação da civilização burguesa na Europa, trazendo à tona suas componentes de barbárie sempre presentes. Seu narrador acaba conhecendo, ao vagar pela estação ferroviária de Antuérpia, o professor Jacques Austerlitz, estudioso de história da arquitetura, que empreendia uma busca cujo ensejo seria elucidar seu misterioso passado e sua identidade pretérita. Filho de família judia, Austerlitz havia sido uma criança que, na mais tenra idade, foi embarcada por sua mãe em um comboio de crianças saído de Praga, em direção à Inglaterra, para fugir dos horrores da repressão nazista, passando a ser criado por uma família puritana inglesa.

Em uma de suas conversas com o narrador, Austerlitz fala a respeito das origens da estação ferroviária de Antuérpia, associando suas raízes à expansão colonial belga pelo continente africano por meio de suas empresas coloniais, que vinham sendo exitosas em seus objetivos. Foram fechados negócios vultosos nos mercados de capitais e matérias-primas, gerando forte sentimento de otimismo nos cidadãos belgas, que acreditavam que seu país lograria a condição de nova potência econômica mundial (SEBALD, 2008). Austerlitz esclarece que “foi desejo pessoal do rei Leopoldo, sob cujo patrocínio se dava tal progresso aparentemente inexorável, empregar as rendas disponíveis em súbita abundância para erigir edifícios públicos que conferissem renome internacional a seu Estado em ascensão” (IDEM, p.13). A Centraal Station de Antuérpia, analisada por Austerlitz, em seus detalhes mais obscuros, bem como outros grandes empreendimentos arquitetônicos, internalizava esteticamente em sua compleição, segundo as explicações do narrador, o processo de acumulação de capital.

Em torno do pátio de entrada, à meia altura, como eu certamente devo ter notado, havia escudos de pedra dotados de símbolos como feixes de trigo, martelos cruzados, rodas aladas e outros tais, sendo que o motivo heráldico da colmeia não simboliza, como se poderia supor à primeira vista, a natureza posta a serviço do homem, nem tampouco a diligência como uma virtude social, mas sim a acumulação de capital (IDEM, p.16).

Podemos perceber como a questão do colonialismo e da acumulação de capital aparece como um tema recorrente na obra de Sebald. A leitura da arquitetura da estação central de Antuérpia, empreendida por Austerlitz, procura desconstruir ideologias que obnubilariam, o que seria, para ele, a apreensão concreta dos resultados do processo histórico. O que estaria por trás de tais ideologias, como pudemos ver, seria a acumulação de capital. Ao falar também sobre o Palácio de Justiça de Bruxelas, Austerlitz sublinha não somente, de maneira implícita, tal processo, mas acentua sobretudo os limites da admiração da larga escala monumental dos grandes edifícios, os quais internalizariam uma grande contradição.

Outro exemplo importante seria a crítica arquitetônica dirigida por Austerlitz à então recém construída Biblioteca Nacional, em Paris, cujas largas dimensões monumentais, além de opressoras, seriam antitéticas às propriedades do trabalho intelectual. Como mostra o narrador, ao passar a palavra a Austerlitz, a Biblioteca Nacional seria um

edifício que em sua monumentalidade foi claramente inspirado na vontade do presidente da República de perpetuar a própria memória e que, como pude notar logo na minha primeira visita, disse Austerlitz, tanto nas suas dimensões externas quanto na sua constituição interna, era infenso ao ser humano e contrário, por princípio, às necessidades de todo verdadeiro leitor (IDEM, p.267-268).

Retornando ao *Os anéis de Saturno*, Sebald adentra uma questão, através de seu narrador, que parece possuir relação direta com as preocupações de Roberto Schwarz, a qual diz respeito à simbiose entre capitalismo e escravidão. Trata-se de uma simbiose, uma vez que o par capitalismo e escravidão não é entendido por Sebald - e nem por Schwarz - disjuntivamente, mas de modo integrado, como partes constitutivas do mesmo processo. A conversa entre o narrador de *Os anéis de Saturno* com um holandês chamado Cornelis de Jong, explicita a imbricação entre capitalismo e escravidão, mostrando ainda, tal como salienta Walter Benjamin, nunca ter havido “um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (BENJAMIN, 1994, p.225). Conforme o narrador:

Foi Cornelis de Jong que me chamou a atenção para o fato de que muitos museus importantes como o Mauritshuis em Haia ou a Tate Gallery de Londres remontam a dotações das dinastias açucareiras ou estavam ligados, de um modo ou de outro, ao comércio de açúcar. O capital acumulado nos séculos XVIII e XIX através de várias formas de economia escravocrata ainda está em circulação, disse De Jong, ainda rende juros, cresce e multiplica-se e, por força própria, lança novos rebentos. Um dos meios mais comprovados de legitimar esse tipo de dinheiro, sempre foi o patrocínio das artes, a aquisição e exibição de objetos de arte e, como se observa hoje, a inflação inexorável dos preços, ridícula mesmo, nos grandes leilões, disse De Jong. Em poucos anos, a

fronteira das centenas dos milhões para meio metro de tela pintada será ultrapassada. Às vezes me parece, disse De Jong, que todas as obras de arte estão cobertas de uma camada de açúcar ou são feitas inteiramente de açúcar, tal como o modelo da batalha de Esztergom criado por um confeitiro real de Viena, que a imperatriz Maria Teresa, assim dizem, devorou num de seus pavorosos ataques de melancolia (SEBALD, 2010, p.196).

Com o perdão da extensa citação, percebemos mais claramente que, na visão de Sebald, os objetos mais refinados da cultura europeia se encontram entrelaçados com a barbárie dos empreendimentos coloniais e com o processo de acumulação de capital. O que desautorizaria toda e qualquer interpretação que atribuísse uma autonomia das obras de arte em relação ao processo histórico-social, uma vez que este apareceria nelas internalizado esteticamente. Sebald mostra como o capital acumulado por meio da economia ligada à escravidão nos séculos XVIII e XIX teria relação com o “patrocínio das artes”, com a “aquisição” e “exibição de objetos de arte”, procurando demonstrar como as obras de arte se encontrariam revestidas pelo açúcar produzido mediante a exploração de milhares de escravos.

Portanto, a barbárie desempenharia papel fundamental para a constituição da mais moderna e refinada civilização. Constatamos aqui a presença de temas que unificam alguns contrários, apresentando certo “sentimento da dialética” - lembrando o título do importante livro de Paulo Arantes (1992) – por parte de Sebald. Faz-se necessário destacar que a interpretação do modo de produção capitalista, procedida por Sebald, não negligencia a dialética entre o centro e a periferia do capitalismo, o que aparece centralmente em sua leitura a respeito do colonialismo, possibilitando a percepção de uma afinidade central com os trabalhos de Roberto Schwarz.

Podemos lembrar, nesse sentido, da clássica asserção de Marx no capítulo XXV d’*O Capital*, “A teoria moderna da colonização”, no qual o autor teria identificado que o “grande mérito de E.G. Wakefield não é o de ter descoberto algo novo sobre as colônias, mas o de ter descoberto, nas colônias, a verdade sobre as relações capitalistas da metrópole” (MARX, 2013, p.836). O trecho destacado é significativo para a discussão proposta por aprofundar o debate referente à periferia do capitalismo. Esta assumiria lugar estratégico no plano analítico, figurando como chave explicativa para apreensão do *modus operandi* do capital, por ser nela, tal como constata Marx, que as vicissitudes das relações de exploração do capitalismo se manifestam com maior vigor. Ficaria claro, deste modo, como o civilizado centro do capitalismo teria se constituído a partir da violência empreendida contra as chamadas colônias de exploração, ou seja, a periferia.

Passando, portanto, à análise do capitalismo a partir de sua periferia, mostra-se relevante o trabalho de Roberto Schwarz sobre a obra de Machado de Assis. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881)<sup>11</sup>, romance que constitui o objeto de estudo de *Um mestre na periferia do capitalismo*, o crítico evidencia que o narrador, Brás Cubas, expressaria uma alternância constante de perspectivas decorrente da especificidade do andamento da sociedade brasileira (SCHWARZ, 2000b). Utilizando os termos propostos por Antonio Candido (CANDIDO, 2010b), Schwarz observa que *MPBC* operaria a “redução estrutural” da configuração da sociedade brasileira do século XIX, exprimindo a formalização estética do ritmo geral de nossas relações sociais. No prefácio ao livro, Schwarz afirma que sua tese deveria muito às formulações do chamado seminário d'*O capital*, que teria chegado à conclusão de que o “atraso brasileiro” e seus caracteres não seriam apenas mero “arcaísmo residual”, já que atuariam como partes integrantes da “reprodução da sociedade moderna”, mais precisamente, “como indicativo de uma forma perversa de progresso” (SCHWARZ, 2000b, p.13). Ou seja, o progresso e o desenvolvimento modernos recolocariam, deste modo, no contexto sociocultural brasileiro, o travejamento social próprio à sociedade patriarcal e escravocrata, desempenhando inclusive papel significativo no sentido de exponenciá-lo e reproduzi-lo.

As recorrentes intromissões do narrador em primeira pessoa e suas oscilações entre o *gentleman* moderno e o patriarca antigo seriam entendidas por Schwarz como a transposição estilística do tipo de orientação da conduta próprio à classe dominante brasileira. De acordo com o autor: “É como se a conduta ilustrada fosse credora de respeitosa consideração, tanto quanto de escárnio, e funcionasse ora como norma indispensável, ora como trambolho – complementaridade que delineia um modo de ser” (IDEM, p.19-20). Sistematizando, sua discussão sobre *MPBC* converge para dois eixos temáticos que se encontram interligados: a extrema volubilidade do narrador e o constante desrespeito de alguma norma. O narrador seria dono de uma versatilidade que mudaria de assunto, trocava de estilo ou opinião recorrentemente, “quase que a cada frase”.

Neste sentido, Schwarz identifica que a volubilidade do narrador constituiria a própria forma do romance, haja vista que ela contribuiria fundamentalmente para o andamento e ritmo da narrativa. O narrador conciliaria as vantagens clientelistas e burguesas, mobilizando uma ou outra, a seu bel prazer, preponderando o seu capricho enquanto membro da classe dominante. Deve-se observar, contudo, que a volubilidade

---

<sup>11</sup> Para fins práticos, abreviaremos o título do romance para *MPBC*.

não constitui uma idiossincrasia da personagem-narradora, mas um aspecto central e generalizável para a classe dominante brasileira como um todo, que oscilaria constantemente entre dois polos distintos de orientação da conduta: o polo do receituário liberal-burguês e o polo da sociedade escravista.

Concordando com Leopoldo Waizbort (2009), a desfaçatez e a volubilidade de Brás Cubas codificariam um procedimento e *modus operandi* de classe, desnudando, conseqüentemente, elementos centrais da estrutura e da experiência social brasileira. Conforme analisa Paulo Arantes (1992), “Roberto verá nas manhas narrativas do romancista uma Forma [...] a um tempo princípio de construção do livro e estilização de dinamismos sociais” (ARANTES, 1992, p.61). A discussão proposta por Arantes nos permite perceber como a volubilidade, característica do proceder da classe dominante no Brasil, seria transposta para o plano formal do livro, uma vez que o estilo teria sido vigorosamente perpassado pela dinâmica complexa da vida social aqui assentada.

A volubilidade do narrador seria, para Schwarz, um procedimento contingenciado histórica e socialmente, contribuindo decisivamente para a compleição e teor do que ele qualificaria como uma “desfaçatez de classe”. Seguindo sua linha de raciocínio, a vinculação do país ao sistema capitalista e aos princípios do liberalismo, não alteraria “os modos *atrasados* de produzir”, pelo contrário, colaboraria para a sua reprodução e promoção, “fundando neles uma evolução com pressupostos *modernos*, o que naturalmente mostrava o progresso por um flanco inesperado” (SCHWARZ, 2000b: p.37, grifos do autor). Schwarz toma como exemplos salientes desse movimento contraditório, a importação e aclimatação da filosofia, da ciência e demais formas ligadas ao trabalho intelectual que, no Brasil oitocentista, encontrar-se-iam atreladas ao capricho da classe dominante. O progresso científico passaria - posto que subordinado ao capricho dos membros das classes dominantes - a elemento de justificação de posições de classe, o que ficaria claro no debate que Schwarz empreende a respeito do Humanitismo. A filosofia humanitista concederia

justificação ilustrada à indiferença dos ricos pelo destino de seus dependentes, indiferença que à luz de orientações mais tradicionais pareceria indecorosa; e explicavam por fim o caráter necessário e legítimo da exploração colonial e de suas sequelas presentes (IDEM, p.166).

Com isso, Schwarz afirma, que sob o domínio do capricho, a racionalidade científica seria relativizada. As *MPBC* mostram, conforme a interpretação avançada pelo crítico, a sujeição das mais diversas formas assumidas pelo pensamento moderno ao arbítrio e à discricionariedade do narrador. Em síntese, o que estaria em jogo, na ótica de Schwarz, seria a “apropriação oligárquica do progresso no plano das ideias, com



acentuação de algumas consequências” (IDEM, p.169). Portanto, as ideias e teorias científicas importadas - frutos do progresso da civilização europeia - assumiriam um sentido distinto em relação ao que possuíam no contexto no qual foram engendradas, passando a elementos que contribuiriam para a naturalização e justificação do paternalismo, do patriarcalismo e da escravidão, atendendo, deste modo, a fins ligados à manutenção do *status quo*.

Pensar os tais “flancos inesperados” por onde pode se movimentar o progresso continua fazendo parte dos interesses intelectuais de Schwarz. Em artigo publicado na revista *Piauí*, em 2013, o crítico mobiliza lentes benjaminianas para realizar a leitura da crônica “Corumbá, a cidade branca”, escrita por Anatol Rosenfeld. Schwarz procura mostrar, ao ler o texto de Rosenfeld, como este teria contribuído para desnudar os paradoxos e contradições da ideologia do progresso, que se instalava em Corumbá – pequena cidade do Mato Grosso do Sul - destacando os imperativos ligados à produção e reprodução ampliada do capital, que buscava incessantemente novos espaços para consumir sua expansão. Assim, Schwarz indica que Rosenfeld não escreveria seu texto atento ao ponto de vista dos vencedores da história, mas sim, a contrapelo desta narrativa, procurando identificar as contradições mais agudas decorrentes dos rumos tomados pelo progresso no interior do Brasil. A interpretação de Schwarz aponta que tal leitura a contrapelo do progresso, clarificaria seus paradoxos e elucidaria que o mesmo seria “causador de desordem” e que “não corresponde ao que se espera dele” (SCHWARZ, 2013, p.93).

Retornando a *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz detalha o caráter ideológico ambivalente da classe dominante brasileira, que ensejaria o domínio do repertório burguês do “Ocidente progressista e culto”, no caso, a norma, o que não seria obstáculo para ela, em paralelo, beneficiar-se do último grande sistema escravocrata remanescente do mesmo ocidente, a infração (WAIZBORT, 2009). Esta ambivalência ideológico-moral resultaria no que Schwarz caracteriza como a “comédia ideológica brasileira” (SCHWARZ, 2000b). A classe dominante estaria ligada tanto ao polo moderno, referido ao capitalismo e ao liberalismo, quanto aos princípios discricionários relacionados à escravidão e às relações de favor. Para o crítico, o êxito da literatura machadiana da maturidade residiria no fato de haver condensado, por meio de um tipo social representativo, o padrão derivado da sociabilidade aqui estabelecida. Ou seja, Schwarz salienta que a literatura madura de Machado de Assis conceberia a maneira pela qual as formas modernas seriam viesadas de modo a atender à constelação dos interesses locais, levando em consideração seu uso impróprio.

Identificando, portanto, uma persistente dialética sem síntese entre a norma burguesa e seu constante desrespeito, interesse discricionário e ideologia igualitária - a qual parece fadada a não se resolver - localizada pelo crítico na formalização estética do balanceio caprichoso da volubilidade de Brás Cubas, percebemos sua estreita vinculação com a dinâmica conservadora da modernização<sup>12</sup>, segundo a qual esta se processaria repondo elementos do Brasil patriarcal e escravocrata. O processo de modernização se valeria, deste modo, do “atraso” existente em nossas relações sociais para se reproduzir; “arcaísmo” que não seria dirimido, sendo, em contrapartida, fortalecido pelas formas modernas. Schwarz chama a atenção, neste sentido, para o fato de que a coexistência entre o antigo e o novo constituiria fato generalizado de todas as sociedades penetradas pelo modo de produção capitalista, ainda que, nos países localizados em sua periferia, tal coexistência assumisse uma centralidade que não se verificaria noutras experiências sociais. Assim, a ligação que se sucederia entre países ex-colônias e o mundo moderno “se faz *através*, estruturalmente através de seu atraso social, que se reproduz em lugar de se extinguir” (SCHWARZ, 2008, p.91, grifo do autor).

Para ir adiante na discussão sobre este movimento, que possui relação com a questão já mencionada, referente à dialética entre o local e o universal, bem como ao problema da “desfaçatez de classe”, seu artigo “Leituras em competição” (2006) possui caráter elucidativo. Neste texto, Schwarz discute o modo pelo qual “a arte machadiana fazia de ordenamentos nacionais a disciplina estrutural de sua ficção” (SCHWARZ, 2012, p.15). Não havendo como desconhecer a relevância do papel que a tradição clássica possui ao longo da vasta obra de Machado de Assis, seria possível também identificar “o redirecionamento nada universal que, graças ao Autor, a problemática particular do país lhe imprime” (IDEM, p.28).

Relacionando a temática de “Leituras em competição” à questão das feições sociais de Brás Cubas, o crítico sublinha que muitos dos escritores brasileiros teriam procurado a cor local do país em regiões e classes até então pouco afetadas pelo “progresso”, diferentemente de Machado de Assis, que a identificaria também em grupos sociais ditos “civilizados” ou “universais”. Schwarz observa que ao transformar o senhor “civilizado” e “antenado” com o que seriam as ideias “mais adiantadas” de seu tempo, concomitantemente em personagem e narrador, Machado contribuiria para o movimento de desprovincianização da matéria brasileira. Neste sentido, afirma Schwarz:

---

<sup>12</sup> Para uma análise sobre a modernização à brasileira, cf. Cevasco (2014).

Esta [a matéria local] saía de seu confinamento histórico e via-se *intermediada* por um vivíssimo jogo de interesses de classe atrasado-modernos, nacionais e internacionais, disfarçados de universais. Por baixo da engrenagem retórica, lógica e estética do particular e do universal, pressionando-a e dando-lhe verdade, como um imenso subentendido, há luta de classes, luta entre nações, patamares desiguais de acumulação cultural, além de luta artística e crítica (IDEM, p.42, grifo do autor).

Assim, segundo Schwarz, Machado de Assis teria conciliado, para a modelagem do *corpus* de sua prosa, o recurso à tradição clássica, universalista, com a investigação dos múltiplos aspectos vinculados às relações sociais brasileiras. Voltando à questão dos narradores machadianos, suas feições sociais corresponderiam à estrutura social existente, o que exigiria do escritor, a construção de personagens consonantes com o tipo específico de sociabilidade desenvolvida no Brasil oitocentista. Detecta-se nas *MPBC* a coexistência entre as relações de favor com os ideais e aspirações da moderna sociedade burguesa, notabilizando-se o descompasso entre seus princípios antagônicos, embora passíveis de ajustes e acomodações. Neste sentido, observa Schwarz:

*Trata-se, noutras palavras, de um livro escrito contra o seu pseudo-autor. A estrutura é a mesma de Dom Casmurro: a denúncia de um protótipo e pró-homem das classes dominantes é empreendida na forma perversa da auto-exposição “involuntária”, ou seja, da primeira pessoa do singular usada com intenção distanciada e inimiga (comumente reservada à terceira pessoa) (SCHWARZ, 2000b, p.82, grifos do autor).*

Para empreender a denúncia dos arbítrios da classe proprietária, expondo os móveis norteadores de sua conduta, Machado de Assis operaria um movimento de considerável importância, ao se investir do figurino e do discurso dominante, por meio da adoção de um narrador em primeira pessoa, explicitando todos os requisitos e ferramentas para o exercício de sua dominação de classe. Desta forma, no caso de *Dom Casmurro* (1899), assim como em *MPBC*, podemos dizer que seria exigida uma leitura a contrapelo, uma vez que Machado de Assis construiria “*situações narrativas*” ou “*narradores postos em situação*”, cujo caráter parcial e discricionário constituiria o eixo da forma literária do livro, o “narrador unilateral” (SCHWARZ, 1997). Nas palavras de Schwarz: “Machado tomara o partido malicioso de fingir, na sincera primeira pessoa do singular, um figurão marcadamente retrógrado” (IDEM, p.95). Mas é preciso acompanhar o movimento do crítico, já que o adjetivo “sincera” aparece em chave irônica, pois a marca dos “*narradores postos em situação*”, cunhados por Machado de Assis, seria, justamente, sua “desfaçatez de classe” (SCHWARZ, 2000b). Ao encobrirem suas facetas marcadamente patriarcais, escravistas e clientelistas, comportam-se como *gentlemen* modernos, árdios defensores do receituário liberal-burguês, cujos princípios fundantes são a liberdade e a igualdade.

No ensaio “Adequação nacional e originalidade crítica” (1992), Schwarz reafirma a importância da dialética entre forma literária e processo social para a apreensão do conteúdo de classe do discurso do narrador, reputando necessária “a compreensão da *substância prático-histórica*” (SCHWARZ, 1999a, p.31, grifos do autor). Este ensaio é importante para a discussão aqui empreendida por traduzir bem o que Schwarz preconiza em seu estudo sobre a desfaçatez de classe dos narradores machadianos: “Não se trata da descrição distanciada de uma ideologia, *mas de seu desmascaramento em pontos cruciais*, com indicação dos motivos de classe atrás de preconceitos eficazes” (IDEM, p.33, grifos do autor). Caso seja apreendido o movimento operado por Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, como esclarece Schwarz, em *Dois meninas*:

O nosso cidadão acima de qualquer suspeita – o bacharel com bela cultura, o filho amantíssimo, o marido cioso, o proprietário abastado, avesso aos negócios, o arrimo da parentela, o moço com educação católica, o passadista refinado, o cavalheiro *belle époque* – ficava ele próprio sob suspeição, credor de toda a desconfiança disponível (SCHWARZ, 1997, p.13).

Schwarz afirma a inexistência de qualquer possibilidade de apreensão certa sobre a culpabilidade de Capitu, se a mesma era adúltera, ou se não era, dilema que equivocadamente viria inquietando diversas gerações de críticos, já que seria indubitável que Bento Santiago escreveria e arranjaria a narrativa com o intuito de condenar a esposa. De acordo com Schwarz, tal movimento demonstraria que não se encontraria nela, mas no marido, a chave para a solução do imbróglio. Os refinados recursos intelectuais do narrador de modo algum representariam uma contribuição para a civilização do Brasil, mas sim, “a cobertura cultural da opressão de classe” (IDEM, p.13).

Ao esquadrihar a configuração social das personagens do romance, Schwarz identificaria Capitu como uma mulher pobre circunscrita ao contexto da sociedade patriarcal brasileira, cuja família possuía laços estreitos de dependência com a família de Bento Santiago, o que permitiria um ângulo de visão renovado, distante de toda uma tradição que vinha constantemente reificando a ideia da traição por parte da esposa. Schwarz cita alguns críticos que possibilitaram essa rotação interpretativa, dentre eles, Helen Caldwell e John Gledson. Estes autores teriam contribuído substantivamente para a formulação da leitura a contrapelo tecida por Schwarz a respeito do romance, tornando claras tanto suas questões de gênero quanto de classe. Emerge, deste modo, o “moço rico, de família decadente, filho de mãe, para o qual a energia e liberdade de opinião de uma mocinha mais moderna, além de filha de um vizinho pobre, provam ser

intoleráveis” (IDEM, p.11). Assim, a questão do ciúme passaria a condensar a problemática de classe referente ao Brasil do século XIX, histórica e socialmente circunscrita, expressando a crise vivida pela sociedade patriarcal.

Tendo em vista os aspectos sociais de sua interpretação, Schwarz nota que se a crítica não é formulada pelo leitor é porque este estaria se deixando seduzir pela figura social do narrador, compartilhando dos preconceitos por este propalados, como teria sido o caso da crítica literária brasileira anterior aos anos 1960, que teria contribuído para o prevalecimento de leituras conformistas, condizentes com o poder patriarcal de um prócer das elites senhoriais. Somente uma leitura crítica e a contrapelo do discurso do narrador permitiria vislumbrar os móveis e pressupostos de classe velados pela roupagem erudita e refinada ligada à retórica ilustrada do liberalismo europeu, a qual percebemos que teria sido tecida de modo seletivo, no intuito de acomodar seus interesses locais mais prementes.

### **Considerações finais**

Este trabalho procurou indicar algumas afinidades eletivas existentes entre as perspectivas de W.G. Sebald e de Roberto Schwarz, pensando o caráter crítico de suas interpretações no que se refere à dinâmica contraditória do capitalismo e, de modo mais amplo, da modernidade. O esforço aqui empreendido foi o de iniciar um processo de aproximação a partir de uma possível comparação entre os autores, os quais possuem pontos de contato instigantes. Um deles seria, como pudemos ver, o tratamento que ambos conferem aos pares capitalismo/escravidão e civilização/barbárie, enxergando-os a partir de uma perspectiva não-disjuntiva, o que acentua o caráter de reciprocidade que constitui as polaridades em questão.

Para a consecução do objetivo delineado, o sentido assumido pela história em suas obras foi destacado. Tomamos como ponto de partida a perspectiva de Walter Benjamin, cujas proposições teórico-metodológicas se mostram fortemente presentes na economia dos argumentos críticos formulados pelos dois autores. Tanto Sebald quanto Schwarz procuram “escovar a história a contrapelo”, desconstruindo a ideologia do progresso ao virá-la do avesso, o que possibilitaria uma rotação interpretativa no que tange a reflexão acerca do sentido assumido pela história em seus trabalhos. Ambos os autores, ainda que cada um parta de pontos distintos do capitalismo - Sebald do centro, e Schwarz da periferia - não se restringem a seus ângulos de observação, ao não perderem de vista a dialética entre o centro e a periferia do sistema. Como pudemos ver, pares como capitalismo/escravidão e civilização/barbárie perpassam as reflexões de

ambos, permitindo a inferência de que entre suas obras existem pontos de contato extremamente marcantes e que, porventura, podem ser explorados - o que pode iluminar, inclusive, as suas diferenças em futuros empreendimentos. Pretendemos, com isso, não esgotar as possibilidades e o potencial heurístico oferecido pela comparação entre os autores, mas abrir novos horizontes interpretativos sobre suas obras.

## Referências bibliográficas

ADORNO, T. “O ensaio como forma”. In: Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2003.

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ARANTES, P. Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BENJAMIN, W. “Sobre o conceito da História”. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUENO, A. “A pequena escala”. A vida negada e outros estudos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013a.

\_\_\_\_\_. “O avesso do progresso”. A vida negada e outros estudos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013b.

CANDIDO, A. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010a.

\_\_\_\_\_. O discurso e a cidade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010b.

CEVASCO, M. E. “Modernização à brasileira”. Rev. IEB, São Paulo, n.59, p.191-212, dez. 2014.

FOUCAULT, M. A Ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Os Anormais. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

LONG, J.J. W.G. Sebald - Image, archive, modernity. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2007.

LÖWY, M. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. Romantismo e messianismo. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LÖWY, M. & VARIKAS, E. “A crítica do progresso em Adorno”. Lua Nova. no.27 São Paulo dez.1992.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELO, A.C.B. “Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira”. ALEA. Rio de Janeiro, vol-16/2, p.403-420. Jul-dez, 2014.

RODRIGUES, L. A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e 'um seminário' (1958-1978). Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SCHWARZ, R. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000a.

\_\_\_\_\_. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000b.

\_\_\_\_\_. Duas meninas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. “Adequação nacional e originalidade crítica”. In: Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

\_\_\_\_\_. “Um seminário de Marx”. In: Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

\_\_\_\_\_. “Cultura e política, 1964-1969”. In: O pai de família e outros estudos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. “Leituras em competição”. In: Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

\_\_\_\_\_. “Na montanha-russa do século: paradoxos do progresso em Corumbá aos olhos de um intelectual refugiado do nazismo”. Revista Piauí. n.85: 90-93, 2013.

SEBALD, W. Logis in einem Landhaus. Frankfurt: S.Fischer Verlag GmbH., 2002.

\_\_\_\_\_. Campo Santo. Londres: Penguin Books, 2006.

\_\_\_\_\_. “A poem of an invisible subject” entrevista concedida a Michael Silverblatt. In.: SCHWARTZ, L. (org.). The emergence of memory: Conversations with W.G. Sebald. Nova York: Seven Stories Press, 2007.

\_\_\_\_\_. Vertigem: sensações. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Os emigrantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Os anéis de Saturno: uma peregrinação inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Guerra aérea e literatura: com ensaio sobre Alfred Andersch. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. Auf ungerheuer dünnem Eis .Frankfurt: S.Fischer Verlag GmbH., 2011b.

WAIZBORT, L. “Quem herda não furta”. In: Cevasco, M. E. & Ohata, M. (Org.). Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

\_\_\_\_\_. A passagem do três ao um. São Paulo: Cosac Naify, 2007b.

\_\_\_\_\_. “Roberto Schwarz: entre forma literária e processo social”. In: Botelho, A. & Schwarz, L.M (Org.). Um enigma chamado Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.